

BESTAS DE CARGA

Panfleto vegano-socialista

Bestas de Carga

Traduzido e editado por Victória Monteiro e Vinicius Siqueira, membros da revista eletrônica [Colunas Tortas](#).

Beasts of Burden foi um panfleto publicado pela editoria independente estadunidense Antagonism Press em 1999, de autoria anônima. Resolvemos traduzi-lo publicá-lo como e-book, pois achamos que a união do materialismo com o veganismo apresentada pelo texto é necessária atualmente.

[Colunas Tortas](#)

São Paulo

2015

Índice (clique no capítulo para ser direcionado)

Introdução.....	5
1. O capitalismo e a sociedade de classes.....	6
1.1 Animais e comunismo primitivo.....	8
1.2 Domesticação e dominação.....	14
1.3 Os animais como riqueza.....	19
1.4 Escravidão.....	21
1.5 Vacas, meninos e índios: a acumulação primitiva e os animais.....	24
1.6 Os animais e a origem do sistema fabril.....	29
1.7 A boa produção: a intensificação genética da produção.....	33
1.8 Extermínio.....	38
1.9 A vivisseccção.....	40
1.10 O fetichismo da mercadoria e a carne.....	43

1.11 A caça e poder de classe.....	47
1.12 Violência da classe trabalhadora contra os animais.....	51
1.13 Além do humanismo.....	52
1.14 O capitalismo e os animais hoje.....	56
2. Comunismo.....	62
2.1 A história secreta da libertação animal.....	64
2.2 O moderno movimento de libertação animal. .	70
2.3 Tudo que anda sobre a Terra é governado por diferentes causas.....	75
2.4 Confrontando o Estado.....	79
2.5 Para além da ideologia dos direitos animais.....	82
2.6 Qual o problema com direitos animais?.....	87
2.7 Animais na sociedade comunista.....	89

Introdução

Este é um texto que, nós esperamos, vai em duas direções. Por um lado, esperamos que ele seja lido por pessoas interessadas em libertação animal que querem considerar por que a exploração animal existe, bem como a forma. Por outro lado, por aqueles que se definem como anarquistas ou comunistas que ou descartam a libertação animal completamente ou que pessoalmente simpatizam com ela, mas não veem como ela se relaciona com a sua postura política mais ampla.

Embora sempre tenha havido grupos e indivíduos com os pés em ambos os campos, em sua maior parte a discussão entre os envolvidos na libertação animal e comunistas tem se dado a um nível irrisório. O "debate", na medida em que ele existe, consiste principalmente de abuso e raramente se move para além do nível de comentários como "não era Hitler um vegetariano?" (na verdade, não: ele injetou sangue de touro em seus testículos, e isso significa que

você não pode ser um comunista e um pintor de casas ou um austríaco?)

Esperamos alertar para o início de um verdadeiro debate sobre a relação entre a "questão animal" e a "questão social". Este texto não tem a pretensão de ter todas as respostas ou de ser o "Manifesto Comunista" para os animais, mas nós pensamos que ele coloca algumas das questões-chave. Agora é sua vez...

1. O capitalismo e a sociedade de classes

Toda a vida no planeta Terra está se tornando cada vez mais enredada em uma economia global baseada em dinheiro, lucro e câmbio - o capitalismo. Praticamente tudo tem um preço nele - comida, bebida, o solo, as casas, as plantas, os animais, o trabalho dos seres humanos. Necessidades e desejos não contam para nada - aqueles que não podem pagar o preço têm que ficar sem, mesmo que a consequência seja a morte.

Para a maioria dos seres humanos, a consequência é uma

vida dominada pelo trabalho, tendo sua metade vivida em escolas, fábricas, escritórios e prisões. Para muitos, isso é agravado pelos efeitos da pobreza, da guerra e das várias formas de opressão. Mas os seres humanos não são as únicas criaturas apanhadas nesta rede. Animais de todos os tipos estão sujeitos à aplicação industrial de sofrimento e morte na natureza, em fazendas industriais e laboratórios.

É óbvio que as experiências dos seres humanos e dos animais estão ligadas e têm uma origem comum no mesmo sistema de produção e de troca. Mas queremos ir mais longe e afirmar que o desenvolvimento e manutenção do capitalismo como um sistema que explora os seres humanos é, em alguns aspectos, dependente do abuso de animais. Além disso, o movimento que abole o capitalismo alterando as relações entre os seres humanos - o comunismo - também envolve uma transformação fundamental das relações entre os seres humanos e os animais.

1.1 Animais e comunismo primitivo

Quando falamos da relação entre seres humanos e animais, é importante não perder de vista o fato de que os seres humanos são animais também. Conforme refazemos os caminhos de nossas origens como seres humanos, nossos ancestrais se fundem com os de outros primatas. Os homínídeos surgiram há cerca de 25 milhões de anos, a partir dos quais evoluíram várias espécies de macacos, incluindo, há cerca de 250.000 anos atrás, o Homo Sapiens. Provas dentais e outras evidências sugerem que, como a maioria das espécies modernas de macacos, esses homínídeos eram principalmente vegetarianos. Os seres humanos não têm os dentes afiados, garras retráteis ou sistemas digestivos comuns aos carnívoros. Embora os primeiros seres humanos, como outros homínídeos, podem ter, por vezes, “sequestrado” carne morta por outros animais, a dieta era provavelmente baseada quase inteiramente em alimentos de origem vegetal.

A caça de animais de grande porte para o alimento, com o

aumento da importância da carne na dieta, pode ter se tornado mais significativa quando os seres humanos encontraram condições climáticas mais frias em que alimentos de origem vegetal eram mais difíceis de serem encontrados, especialmente na última Era Glacial. A caça em larga escala trouxe consigo uma divisão sexual mais rígida do trabalho, conforme a mobilidade exigida efetivamente excluiu mulheres que estavam grávidas ou amamentando crianças pequenas.

A caça também viu os primeiros traços da transformação da atividade humana livre em algo semelhante ao trabalho. Isto se deu, em parte, porque a caça exige mais esforço: "Em média, 240 calorias de alimentos vegetais podem ser colhidas em uma hora, enquanto que, tendo em conta a elevada taxa de insucesso da caça, estima-se que uma hora de caça produza apenas 100 calorias de alimentos" (Ehrenberg¹). E o mais importante: a busca e a

1 Christian Gottfried Ehrenberg (1795 - 1896) foi um biólogo e zoólogo alemão.

coleta alimentos² podiam ser realizadas por toda a comunidade e totalmente integradas a outras atividades sociais, como cantar, conversar e cuidar das crianças. A caça, por outro lado, dependia da cautela e do silêncio, e tendia a se tornar a tarefa especializada de machos com corpos aptos para tal.

Mesmo quando a caça estabeleceu-se, certamente não é o caso de que todos os primeiros seres humanos comiam carne o tempo todo. A imagem popular de homens primitivos sanguinários abrindo o seu caminho através do reino animal é um disparate. A noção de "homem caçador", cujo "alimento principal é a carne, e sua principal ocupação é a caça" tem sido criticada como "em grande parte, um reflexo dos interesses e preconceitos de antropólogos ocidentais masculinos do século XIX, e do status da caça como um passatempo da classe alta na Europa do século XIX" (Ehrenberg).

2 A palavra original para "busca e coleta de alimentos" era o substantivo "foraging", derivado do verbo "forage", que significa "o ato de procurar por alimentos e mantimentos".

As assim chamadas sociedades "caçadora-coletoras" talvez devessem ser chamadas de sociedades que buscavam e coletavam alimentos, uma vez que a coleta de plantas, castanhas e grãos era, na maioria dos casos, muito mais fundamental do que a caça, e representava uma maior proporção da dieta regular. Na maioria das sociedades modernas deste tipo, alimentos vegetais colhidos principalmente por mulheres respondiam por 60-70 por cento da dieta (Ehrenberg). Diferentes comunidades em todo o mundo teriam tido ideias diferentes sobre os animais, e diferentes maneiras de tratá-los, mas podemos deduzir algo sobre suas crenças e práticas a partir de artefatos culturais deixados para trás (por exemplo, pinturas rupestres), e de comunidades semelhantes que existiram até recentemente.

Pela maior parte do tempo em que os seres humanos existiram, eles "viveram em grupos relativamente autônomos e dispersos, em famílias (no sentido mais amplo: a família agrupando todos aqueles do mesmo

sangue), em tribos". Seu modo de vida era essencialmente comunista. Não havia compra e venda, trabalho assalariado, Estado e propriedade privada: "As mercadorias não eram produzidas para serem consumidas após a troca, após serem colocadas em um mercado (...) A comunidade distribuía o que produzia de acordo com regras simples, e todos recebiam diretamente o que ela lhes dava (...) As atividades eram decididas (na verdade impostas ao grupo pela necessidade) e alcançadas em comum, e seus resultados eram compartilhados em comum " (Dauvé & Martin³).

Nestas sociedades, a relação entre os seres humanos e o resto do mundo natural era completamente diferente da moderna. O fato mais significativo sobre os animais no chamado "comunismo primitivo" é que eles não pertenciam a ninguém.

Não há propriedade privada da terra, árvores ou animais, e

3 Gilles Dauvé e François Martin foram autores do *Eclipse and re-emergence of the communist movement*, influente livro na esquerda radical anglófona.

não há domesticação. Enquanto alguns animais podem ser caçados, todos os animais estão soltos e livres. As pessoas só pegam o que elas precisam da natureza, e onde os animais são caçados é em uma base limitada. Em todo o caso, não haveria sentido em um indiscriminado assassinato em massa de animais, já que a comunidade não teria meios de utilizar ou armazenar o excedente, e nenhum mercado no qual vendê-lo. As comunidades geralmente vivem em uma relação harmoniosa com o meio ambiente; é a sua casa e seu fornecedor, e não é do seu interesse destruí-lo, por exemplo, exterminando espécies animais.

Os animais não são vistos como commodities, mas são vistos com um misto de espanto, admiração, respeito e medo. Ao invés de serem vistos como espécie subordinada, eles são vistos como seres separados que compartilham o mundo com os seres humanos. Muitas vezes as comunidades adotam um animal particular como o seu 'totem'; animais podem ser considerados como

ancestrais ou protetores da tribo, e podem até mesmo ser adorados.

1.2 Domesticação e dominação

As relações entre os seres humanos e outros animais, e entre os próprios seres humanos, foram radicalmente transformadas pelo desenvolvimento da agricultura. A agricultura instituiu uma nova relação com o mundo natural: "A própria terra se torna um instrumento de produção, e as espécies do planeta, seus objetos" (Zerzan⁴).

A domesticação, marcada pelo cultivo de plantas e a constrição dos animais em um lugar particular, foi um ponto de mudança fundamental na substituição gradual do estilo de vida nômade pelos sistemas sedentários dos Estados, classes, cidades, trabalho e propriedade privada. Neste sentido, Zerzan argumenta, "ao domesticar animais e plantas, o homem necessariamente domestica-se".

4 John Zerzan (1943) é um filósofo anarquista estadunidense.

Devemos evitar atribuir à agricultura o papel de "pecado original", causa singular dos infortúnios da humanidade e de nossa expulsão de algum Éden comunista primitivo.

O desenvolvimento de Estados e classes foram processos contraditórios, complexos e controversos que ocorrem ao longo de muitos milênios. Enquanto a domesticação de plantas e animais foi uma parte importante dessa história, não queremos sugerir que foi toda a história.

De fato, alguns arqueólogos sugerem que foi o surgimento de elites sociais que deu origem à agricultura, e não o contrário. De acordo com Hodder⁵ (1990) "existe a possibilidade de que a domesticação, no sentido social e simbólico, tenha ocorrido antes da domesticação no sentido econômico". Enquanto que a coleta de alimentos oferece acesso imediato à comida (quando disponível), há um "retorno demorado para o investimento do trabalho agrícola"; os cultivos têm que ser plantados, os animais

5 Ian Hodder (1948) é um arqueólogo inglês, considerado o principal precursor da teoria pós-precussal.

alimentados e criados antes que a comida esteja disponível. Assim, "a adoção de técnicas de produção mais intensivas, levando à agricultura, serviu aos interesses dos grupos dominantes na sociedade em que o novo regime econômico enredava pessoas dentro de estruturas sociais e econômicas, das quais se passou a depender". É nesse sentido que "a domesticação do gado selvagem e da natureza selvagem é, em geral, uma metáfora e mecanismo para o controle da sociedade".

Certa forma de agricultura existiu por milhares de anos sem alguma mudança social particularmente radical. Acredita-se que a transição da coleta para a agricultura começou no chamado Crescente Fértil (agora coberto por Iraque, Irã, Turquia, Síria, Israel e Jordânia) em torno de 10.000 a.C, e tornou-se bem estabelecida nesta área em 6000 a.C. No entanto, apenas um pequeno número de animais eram mantidos, com mais carne ainda sendo obtida a partir de caça. O foco principal da agricultura estava em cultivar utilizando tecnologia simples, em vez de

o arado; arqueólogos às vezes se referem a isso como "horticultura" e não agricultura como tal.

As verdadeiras mudanças ocorreram no Neolítico mais tarde (a partir de cerca de 3000 a.C), com o desenvolvimento da agricultura intensiva. Os animais começaram a ser usados para produtos de leite e de lã, bem como para a carne, e para puxar os arados e carretas recém inventados. Pela primeira vez os seres humanos começaram a manter grandes manadas e rebanhos de animais. Sistemáticamente separado do selvagem e, posteriormente, seletivamente, esses animais domesticados gradualmente tornaram-se fisicamente distintos de seus primos selvagens.

O impacto social disso foi enorme. Além da prática da "criação de animais", Camatte⁶ argumenta, "cresceram tanto a noção de propriedade privada e valor de troca" como "a ascensão do patriarcado". A quantidade de trabalho necessária na sociedade aumentou drasticamente

6 Jacques Camatte é um escritor francês, influente anarco-primitivista.

com toda uma gama de novas tarefas: desmatamento de florestas para pastagens, alimentação de animais, ordenha, transformação de produtos lácteos, fiação e tecelagem de lã, e assim por diante: "A agricultura e a produção de alimentos (...) mudaram a partir de uma relativamente pequena série de tarefas que uma mulher, ou grupo de mulheres, poderiam ter realizado com relativamente pouco equipamento, a uma série de operações complexas que seriam uma ocupação de tempo integral para toda a população" (Ehrenberg).

As relações de gênero foram transformadas. A demanda de trabalho requeria que as mulheres tivessem mais filhos (em sociedades coletoras, os partos tendem a ser espaçados por três ou quatro anos). A intensificação do trabalho das mulheres na reprodução as excluiu de outras tarefas. Na medida em que a importância da caça diminuía, os homens cada vez mais se apropriavam das tarefas agrícolas, anteriormente assumidas pelas mulheres. A posição social das mulheres diminuiu à medida que "já

não contribuía tanto para a produção diária de comida, que tinha sido um fator crucial para manter o estado de igualdade do qual elas dispunham anteriormente" (Ehrenberg).

Também foi sugerido que foi "a gestão de rebanhos de animais domésticos que primeiro deu origem a uma concepção intervencionista e manipuladora da vida política (...) A domesticação tornou-se, assim, o padrão arquetípico para outros tipos de subordinação social. O modelo foi o paternal, com o governante sendo um bom pastor, como o bispo com sua equipe pastoral. Animais dóceis e leais obedecendo a um mestre atencioso eram um exemplo para todos os funcionários" (Thomas⁷).

1.3 Os animais como riqueza

Depois da domesticação, os animais, ou pelo menos de algumas espécies, estes já não corriam livres. Agora eles poderiam pertencer a alguém: Adam Smith observou que, juntamente com os cultivos, rebanhos de animais foram as

7 Thomas, Keith. Man and the Natural World (1983)

primeiras formas de propriedade privada (Thomas). Esta propriedade não foi apenas usada para produzir alimentos e roupas; era também uma forma de riqueza. Desde os primeiros estágios de domesticação "o consumo de carne foi a ostentação de poder dominante para governar. Quanto mais gados abatidos, cozinhados e comidos, maior era o homem" (Spencer⁸).

Os animais domesticados eram uma forma fundamental de riqueza, "que poderia ser acumulada e transmitida de uma geração para a próxima (...) conforme uma família acumulasse mais gado ou adquirisse melhores arados, o espaço entre as suas riquezas e as de seus vizinhos aumentaria progressivamente (...) Uma distinção entre ricos e pobres, o que é insignificante em sociedades coletoras, se desenvolve." (Ehrenberg).

Para além de serem mantidos como uma encarnação da riqueza, os animais que não eram necessários para o

8 Spencer, Collin. *The Heretic's Feast: A History of Vegetarianism* (1995).

consumo imediato poderiam ser negociados com outros proprietários e até mesmo serem usados como dinheiro. Nesta fase inicial do mercado, como observou Marx em O Capital, "a forma de dinheiro vem para ser anexada (...) ao objeto de utilidade que constitui o principal elemento da riqueza indígena alienável, como, por exemplo, o gado."

Conforme os animais se tornavam a propriedade de grupos ou indivíduos, eles podiam não apenas ser comprados e vendidos, mas roubados e disputados. Enquanto o desenvolvimento da caça exigia a organização de parte da comunidade como uma "máquina de matar", a transformação disso em uma máquina de guerra para sistematicamente matar outros humanos pode ter surgido "quando, pela primeira vez, as pessoas possuíam um recurso que era, ao mesmo tempo, interessante e razoavelmente fácil de roubar." (Ehrenberg)

1.4 Escravidão

Muitos daqueles colocados para trabalhar na civilização

primitiva eram escravos. Uma vez que é um dado adquirido que os animais são meros objetos fornecidos para o uso de seres humanos, a introdução da escravidão simplesmente envolve atribuir a certos grupos de seres humanos o estatuto de animais. Como Marx observa “sob a escravidão, de acordo com a expressão marcante empregada na antiguidade, o trabalhador é distinguível apenas como instrumentum vocale (instrumento que fala) de um animal, que é instrumentum semi-vocale (instrumento semi-mudo), e de um instrumento sem vida, que é instrumentum mutum (instrumento mudo)” (Marx, 1867⁹).

No período moderno, a ideologia racista definia as pessoas negras como “mais animais do que humanas”, legitimando a escravidão. Os escravos eram tratados como animais, tendo de suportar “condições terríveis sob o transporte, a retirada de crianças e separação de famílias, marcações com ferro quente, o uso de coleiras, correntes e

9 Marx, Karl. Capital, volume I

até mesmo experiências médicas". Os escravos eram vendidos em mercados inspirados em mercados de gado, com um registro contemporâneo de que os escravos eram tratados nos mercados "como lidamos com animais", testados por sua aptidão e força, e assim por diante. Escravos rebeldes eram enviados para "quebradeiras de negros" para serem esmagados, da mesma forma que "quebradeiras de cavalo" eram usadas para domesticar cavalos selvagens. "Estas técnicas não eram novas, tinham sido desenvolvidas ao longo dos últimos séculos em fazendas, em mercados de gado, nos matadouros e laboratórios". (Carne e laticínios: símbolos do poder masculino, o domínio sexual e discriminação racial, 1997).

Da mesma forma, "a domesticação animal proveu muitas das técnicas para lidar com a delinquência: rédeas para repreender as mulheres; gaiolas, correntes e palha para loucos" (Thomas). Nós provavelmente poderíamos adicionar as prisões a esta lista também e, mais recentemente, o uso de cassetetes elétricos em tortura.

1.5 Vacas, meninos e índios: a acumulação primitiva e os animais

A indústria animal, em particular a criação de gados e ovelhas, foi fundamental para a disseminação das relações sociais capitalistas em todo o mundo. Marx argumentava que, para o capitalismo se desenvolver, deveria haver um processo de expropriação brutal que ele chamava "acumulação primitiva (...) o processo histórico de divorciar o produtor dos meios de produção." O capitalismo exige que todos os meios de produção (incluindo a terra) pertençam ao capital, e que a maioria da população esteja reduzida a proletários - pessoas que só podem sobreviver com a venda de sua força de trabalho em troca de um salário.

Nas sociedades pré-capitalistas, essas condições não existem. Ou a terra não pertence a ninguém ou é dividida em pequenas parcelas, com a maioria das pessoas tendo seu próprio pedaço de terra que seja próprio ou que se possa usar, e/ou acesso à terra comum. As pessoas que

podem cultivar seu próprio alimento não têm necessidade de ganhar dinheiro para comprar comida, e, dada a escolha, a maioria não iria aceitar um emprego em uma fábrica. Para que isso mude, os camponeses têm de ser forçosamente privados das terras através da "conquista, escravidão, roubo e assassinato"- "essa história, a história de sua expropriação, está escrita nos anais da humanidade em sangue e fogo" (Marx, 1867).

A evidência histórica sugere que não só é o capitalismo dependente de acumulação primitiva cruel, mas a acumulação primitiva depende dos animais.

Na Inglaterra, o processo de "forçadamente retirar o campesinato da terra" e cercar a terra comum começou já no final do século XV. Mas o que foi que motivou a nobreza a realizar isso? Marx é claro: foi "o aumento do preço da lã", que tornou lucrativo transformar "terras aráveis em pastos para ovelhas". As pessoas foram expulsas de suas casas para dar lugar à criação de ovinos, levando Thomas More a então escrever sobre uma terra

curiosa onde "ovelhas (...) engolem os próprios homens".

Este processo foi acompanhado pela remoção de florestas, particularmente nos séculos XVII e XVIII. Nesse período, "uma ideologia de comer carne (enobrece o coração, enriquece o sangue, estimula os soldados) desempenhou o seu papel na formação do homem do século XVIII (...) O crescimento do consumo de carne em Londres foi associado ao desenvolvimento do conhecimento científico das práticas de criação, a extensão das rodovias, a drenagem de pântanos, a derrubada das florestas "(Linebaugh¹⁰). Bem como a abertura de pastagens para os animais, isso também teve como objetivo reprimir os habitantes das florestas, muitos deles ocupantes vivendo "livres dos constrangimentos sociais normais da igreja e dos senhoriais tribunais" (Thomas).

As Terras Altas da Escócia foram praticamente esvaziadas de pessoas no século XIX, conforme os moradores eram removidos à força para abrir caminho para ovelhas e, mais

10 Linebaugh, Peter. The London Hanged (1991).

tarde, cervos, visto que o as Terras Altas eram transformadas em um recurso de caça para os ricos. As remoções foram resistidas, mas as expulsões foram executadas pelos militares.

A colonização genocida das Américas também contou com a substituição dos povos indígenas por animais rentáveis, começando com Colombo, que trouxe os primeiros gados e cavalos para o "Novo Mundo" em 1494. O mito hollywoodiano da luta épica entre cowboys e índios pode não ser historicamente preciso, mas expressa uma verdade básica: a dinâmica para a desapropriação e extermínio de povos nativos foi muitas vezes o desejo de substituí-los pelo gado.

Ironicamente, algumas das vítimas da antiga desapropriação ajudaram neste processo. Por exemplo, na Patagônia, os índios araucanos foram caçados e abatidos em 1870, abrindo caminho para a criação de gado. Alguns escoceses ajudaram neste abate, "exilados nas remoções

das Terras Altas, removidos cruelmente de sua terra natal e jogados em alto mar, estabeleceram-se nas Malvinas e, em seguida, participaram de outra remoção brutal, no outro extremo do mundo” (Wangford¹¹).

O pastejo de gado não foi o único aspecto importante da indústria animal para a colonização. Na América do Norte, em especial, o comércio de peles foi importante, como o demonstra o papel crucial da Hudson Bay Company¹². De acordo com Fredy Perlman¹³, no final do século XVIII “a pele é o petróleo da Europa. O império francês na América gira em torno da pele. O Império Russo nascente na Sibéria é um império de caçadores de peles.”

A acumulação primitiva não foi impulsionada por um destino manifesto historicamente inevitável. Teve que haver um incentivo econômico imediato para desapropriar as pessoas que então viviam na terra, e este foi fornecido

11 Wangford, Hank. *The lost cowboys* (1995).

12 Companhia canadense de peles, fundada em 1670.

13 Perlman, Fredy. *Against His-Story, Against Leviathan* (1983).

pelos lucros a serem feitos a partir de animais. Neste sentido, a indústria animal foi o motor de arranque da acumulação primitiva, sem a qual os ganhos subsequentes para a classe dominante (a criação de um proletariado, o acesso à riqueza mineral, etc.) poderia não ter sido realizado.

1.6 Os animais e a origem do sistema fabril

O capitalismo tenta espremer até a última gota a vida de seres humanos, intensificando o processo de trabalho para eliminar todos os movimentos não-produtivos. Ele busca a “erradicação de qualquer movimento incontrolado da mão, qualquer olhar improdutivo dos olhos, qualquer vagueio indesejado da mente” (Collectivities¹⁴). O mesmo ocorre com os animais, o objetivo é eliminar tudo o que não contribui para o produto final, para transformá-los em máquinas para a conversão de ração em carne ou outras commodities.

14 A Ballad Against Work, do grupo indiano comunista Kamunist Kranti, publicado em 1997 na revista Collectivities.

Com os animais, assim como com os seres humanos, o sistema fabril visa restringir o movimento do corpo para maximizar os lucros. A agricultura fabril já havia sido estabelecida no tempo dos romanos; Plutarco escreveu que "é uma prática comum costurar os olhos de cisnes e encerrá-los em locais escuros para que engordem". Na Inglaterra do século XVII, suínos, aves e cordeiros eram engordados sendo confinados em interiores, na escuridão; "Pensava-se que, para engordar gansos, seria interessante se o tecido de seus pés fosse pregado ao chão" (Thomas). Então, como agora, o movimento dos animais era restrito porque queimava calorias e, portanto, retardava o ganho de peso.

As mesmas técnicas básicas ainda estão em uso na agricultura fabril moderna, com a adição de novos métodos de confinamento, como gaiolas individuais para frangos e leitões. Parece altamente provável que o desenvolvimento da fábrica para os seres humanos, no período moderno, foi influenciado por esta longa história

de agricultura fabril. O objetivo do sistema fabril era concentrar corpos humanos em um só lugar para aumentar o controle sobre seus movimentos. A principal diferença de fazendas industriais é que os seres humanos estão confinados apenas durante uma parte do dia; o capitalismo precisa que seus corpos durem por mais tempo, a fim de maximizar o trabalho que pode extrair deles. Com os animais, o objetivo é o de engordá-los para o abate no mínimo de tempo - frangos de corte, com uma expectativa de vida natural de sete anos, são mortos quando estão com sete semanas de idade.

As origens da produção de linha de montagem são encontradas nos pátios de embalagem de carne bovina dos EUA do final do século 19: "As casas de embalagem foram a primeira indústria americana a criar linhas de montagem. Incapazes de lidar com o fluxo constante de gado que chegava todos os dias, as gigantes casas de embalagem alcançaram uma forma de agilizar o processo de abate – eles inventaram a correia transportadora"

(Rifkin¹⁵).

Uma publicação de 1942, financiada por uma empresa frigorífica, dizia: "Os animais abatidos, suspensos de cabeça para baixo em uma corrente em movimento, ou transportadora, passam de trabalhador para trabalhador, cada um dos quais realiza algum passo particular no processo. Tão eficiente este procedimento provou ser que passou a ser adotado por muitas outras indústrias, como por exemplo, na montagem de automóveis". Henry Ford reconheceu que a ideia para a linha de montagem de automóveis "veio, de uma forma geral, a partir das correntes suspensas que os embaladores de Chicago utilizavam no tratamento da carne" (Adams¹⁶).

Como Carol Adams observa, é conveniente que o matadouro tenha sido usado "como uma alegoria para o tratamento do trabalhador em uma sociedade capitalista

15 Rifkin, Jeremy. *Beyond Beef: The Rise and Fall of the Cattle Culture* (1994)

moderna" em obras como "A selva", de Upton Clair¹⁷, e "Santa Joana dos Matadouros", de Bertolt Brecht. Além da ligação histórica, tanto o animal como o trabalhador da linha de montagem são tratados como "um objeto inerte, irracional, cujas necessidades criativas, corporais e emocionais são ignoradas", enquanto o desmembramento do corpo do animal é acontece na "fragmentação do trabalho do indivíduo" na linha de montagem (Adams).

1.7 A boa produção: a intensificação genética da produção

Jacques Camatte falou da antropomorfização do capital, por meio da qual o capital eleva o ser humano à sua própria imagem: "O capital se torna autônomo por meio da domesticação do ser humano. Depois de analisar, dissecar e fragmentar o ser humano, o capital reconstrói o ser humano como uma função de seu processo". Com os seres humanos, este processo é realizado não apenas por

16 Adams, Carol. *Sexual Politics of Meat* (1990).

17 Upton Sinclair (1878 - 1968) Escritora americana com quase 100 livros lançados.

ideologia, mas por submeter o corpo a uma gama de regimes disciplinares: a escola, a prisão, a fábrica.

Com os animais as coisas foram a um estágio a mais, com uma modificação de seus corpos para torná-los mais produtivos. Há uma longa história sobre a criação seletiva de animais desta forma, descrita por John Zerzan: "a domesticação de animais (...) desafia a seleção natural e reestabelece o mundo orgânico controlável em um nível artificial aviltado (...). Transmutados de um estado de liberdade para o de parasitas indefesos, esses animais se tornam completamente dependentes do homem para a sobrevivência. Em mamíferos domésticos, como regra, o tamanho do cérebro torna-se relativamente menor conforme espécimes são produzidos para dedicar mais energia para o crescimento e menos para a atividade. Plácidos, infantilizados, tipificados talvez pelas ovelhas: estas são características da maioria domesticada dos mamíferos de rebanho; a inteligência notável de ovelhas selvagens é completamente perdida em seus equivalentes

domesticados. As relações sociais entre os animais domésticos são reduzidas ao essencial mais bruto. Partes não reprodutivas do ciclo de vida são minimizadas, o cortejo é reduzido, e a capacidade do animal de reconhecer sua própria espécie é prejudicada”.

O século XX viu uma série de tentativas de aplicar técnicas de criação de animais para seres humanos, como promovido pelo movimento eugenista. A esterilização forçada e outros esforços têm sido aplicados para impedir que os "impróprios" e inválidos procriem. Embora este tenha sido aplicado com a determinação mais cruel na Alemanha nazista, programas de eugenia também foram implementados na Suécia social-democrata e em outros lugares. Na Grã-Bretanha, a eugenia pode não ter sido sistematicamente aplicada, mas suas ideias eram muito influentes entre setores da classe dominante no início deste século e influenciaram várias políticas estatais. Por exemplo, os pioneiros do controle de natalidade como

Marie Stopes¹⁸, foram parcialmente motivados por tais referências.

A criação seletiva de animais está agora a ser aperfeiçoada através do desenvolvimento de uma gama de métodos genéticos e biotecnológicos. Espécies animais estão sendo manipuladas geneticamente para desenvolver o xenotransplante (transplantes de órgãos de espécies cruzadas), o *pharming* (a produção de medicamentos e outros produtos provenientes de animais geneticamente modificados) e aumento da produtividade de alimentos. Exemplos destes últimos incluem tentativas de desenvolver galinhas sem penas e animais cujo sistema imunológico ataca as suas próprias células de gordura para produzir carne mais magra.

Em mais um passo na mercantilização da vida, o Parlamento Europeu votou recentemente para permitir o patenteamento de animais e plantas geneticamente

18 Marie Charlotte Carmichael Stopes (1880 - 1958), foi uma acadêmica britânica, primeira mulher a se formar pela Universidade de Manchester.

modificados. As empresas de biotecnologia podem agora alegar que um animal modificado que eles "inventaram" é sua propriedade privada exclusiva.

Camatte antecipa que um possível desenvolvimento de longo prazo do capitalismo poderia ser a "mutação do ser humano, ou uma mutação das espécies: produção de um ser perfeitamente programável que perdeu todas as características da espécie Homo Sapiens." A *Critical Arts Ensemble* sugere que isso já começou, uma vez que "indivíduos de vários grupos e classes sociais são forçados a submeter seus corpos para reconfiguração, de modo que possam funcionar de forma mais eficiente sob os imperativos obsessivamente racionais do pancapitalismo (produção, consumo e ordem)". No futuro imediato, os principais mecanismos serão "a mistura do orgânico e do eletromecânico", novas eugenias (ligadas à seleção genética) e medicamentos de controle do humor. Clones humanos, ciborgues e as réplicas humanas artificiais são coisas de ficção científica, mas as tecnologias que estão

sendo desenvolvidas com os animais poderiam ser usadas em uma tentativa de modificar o corpo humano, em um estágio futuro da sociedade de classes.

1.8 Extermínio

Tal como acontece com os seres humanos, os animais que não podem ser proveitosamente integrados ao processo produtivo são simplesmente descartados.

A domesticação tem se concentrado em um número reduzido de espécies; outras não totalmente domesticadas foram preservadas para o abate de lazer - como veados. Mas muitas outras espécies foram exterminadas por completo, ameaçando a biodiversidade do planeta. "Na Índia e África coloniais, a flor da masculinidade britânica mergulhava em verdadeiras orgias de um grande jogo de abate". Na América do Norte, o lobo "tornou-se o símbolo da natureza selvagem" e foi exterminado na maioria das áreas, como anteriormente na Europa, enquanto entre 1850 e 1880, 75 milhões de búfalos foram mortos por caçadores (Thomas). Em cada caso, o abate em massa foi

visto como parte da transformação divinamente sancionada da selva em civilização.

A mesma mania de extermínio alimentou a caça dos humanos definidos como animais, como os aborígenes da Austrália, ou a população indígena das Filipinas, o tema da "caça às goo-goo" após a conquista dos EUA em 1898.

Muitas outras espécies de animais desapareceram por causa da destruição e fragmentação de seu habitat. A indústria animal está, muitas vezes, diretamente envolvida na destruição de ecossistemas locais frágeis, particularmente quando as florestas são desmatadas para dar lugar a pastagens.

Hoje estamos acostumados a ver os últimos sobreviventes de espécies ameaçadas de extinção conservados em zoológicos. A origem destes jardins zoológicos fez parte da mesma mentalidade colonial que exterminou tantas criaturas: "o espetáculo do zoológico de animais deve ser entendido historicamente como um espetáculo do poder

colonial ou imperial" (Baker¹⁹), com os animais em cativeiro, servindo como "emblemas simultâneas do domínio do homem sobre o mundo natural e de Inglês domínio sobre territórios remotos" (Ritvo²⁰).

1.9 A vivissecção

A vivissecção tem sido parte da prática científica desde o final do século XVII. Hoje, experiências em animais são realizadas em grande escala por, entre outras, empresas privadas, instituições acadêmicas e militares. Ninguém nega seriamente que isso causa sofrimento aos animais, mas a reconvenção é feita dizendo-se que isso contribui para a satisfação das necessidades humanas.

Discutir se um experimento particular, ou classe de experimentos, é potencialmente benéfico, é perder o ponto: o progresso capitalista, do qual a vivissecção é uma parte, é uma fraude. Simplificando, é um mito de que a

19 Baker, Steve. *Picturing the Beast: Animals, Identity, and Representation* (1993).

20 Ritvo, Harriet. *The Animal Estate: The English and Other Creatures in the Victorian Age* (1987).

ciência a serviço do capital vai entregar uma série interminável de produtos que vão tornar a nossa vida mais fácil, mais saudável, mais longa.

Pelo contrário, a intensificação do abuso de animais muitas vezes contribui diretamente para melhorar as técnicas de dominação dos seres humanos. Em alguns casos isso é autoevidente. O exemplo clássico é a investigação militar. No Reino Unido, o uso de animais em experiências na Defence Evaluation and Research Agency (DERA), em Porton Down - Wiltshire, aumentou de forma constante nos anos 1990 com testes, incluindo atirar em porcos e macacos e uma variedade de experiências de guerra biológica.

Pode ser verdade que algumas novas drogas poderiam beneficiar algumas pessoas, apesar de serem testadas em animais. Mas há muitas curas estabelecidas que a maioria da população do mundo não tem acesso por causa de sua pobreza. As mesmas companhias farmacêuticas que dizem trabalhar para a saúde humana, prefeririam deixar as

pessoas morrerem a permitir que os seus produtos fossem disponibilizados em uma base sem fins lucrativos. A investigação sobre novas drogas visa aumentar os lucros, e não resolver os problemas médicos.

De qualquer forma, a melhoria da saúde humana não é apenas uma questão de pílulas abundantes; a forma mais eficaz de ajudar as pessoas é fornecer água potável, saneamento, alimentação e cuidados médicos básicos a aqueles que atualmente precisam. O processo industrial que mantém a promessa de uma nova vida melhorando as commodities na realidade fabrica problemas de saúde. Novas drogas não significam apenas animais abusados; elas também podem significar mais fábricas poluindo o ar e a água com produtos químicos, mais pessoas a trabalhar mais horas e que sofrem de estresse, depressão, esforço repetitivo e outras doenças da civilização.

A resposta para a pergunta "por que o capitalismo faz experimentos em animais?" é "porque não pode se safar fazendo isso para os seres humanos". Mas há exceções -

desde que Porton Down foi instituído em 1916, os testes também foram realizados em mais de 12.000 seres humanos, principalmente "voluntários" militares enganados em participar por algumas regalias sem serem devidamente informados das consequências. As substâncias testadas incluíram gás asfixiante, gás mostarda, o antraz e LSD. Centenas de ex-militares reivindicaram dizendo que sofrem de deficiências, incluindo doenças de pele e oculares, complicações nos rins e fígado e depressão, como resultado. Apenas recentemente foi revelado que, em 1950, os testes do gás Sarin mataram um recruta de 20 anos, Ronald Madison (Guardian, 20.8.99).

1.10 O fetichismo da mercadoria e a carne

Em 1998, dois porcos escaparam de um matadouro em Wiltshire, nadaram através do rio Avon e correram para o campo circundante. Na corrida por uma semana, os *Tamworth Two*, como ficaram conhecidos, "tornaram-se o foco de um intenso circo da mídia; quando recapturados

foram poupados do matadouro, um jornal comprou os porcos do proprietário e os encontrou um lar seguro. A contradição entre a sentimentalização destes suínos particulares e do simultâneo consumo em massa de outros porcos só pode ser explicado com referência à teoria do fetichismo da mercadoria de Marx.

O fetichismo da mercadoria é o processo por meio do qual as mercadorias são imbuídas de uma vida própria, com suas origens como o produto do trabalho oculto. É particularmente bem desenvolvido em relação a produtos de origem animal, cujas origens são sistematicamente negadas pelas embalagens de supermercado e pelo distanciamento linguístico ("carne suína" em vez de "porco", "carne bovina" em vez de "vaca"). Este, por sua vez, cria um espaço para a circulação de uma gama de significados simbólicos semimágicos ao redor dessas commodities de origem animal. A carne não é vista como o produto da agricultura fabril e do matadouro, mas como um símbolo de masculinidade ("homens de verdade

comem a carne”) ou como um “totem” nacional. Assim, na França, o *steak* “segue o índice de valores patrióticos: ajuda-os a subir em tempo de guerra, é a carne do soldado francês” (Barthes²¹), enquanto do outro lado do canal, nada é “tão britânico como carne assada”.

Recentemente, este fetichismo foi parcialmente fraturado por divulgações sobre o processo de produção animal resultante de sustos quanto à saúde. Na França foi revelado terem sido utilizados sangue e vísceras de carcaças de animais, esgoto e água tratada na fabricação de ração de aves e suínos; na Bélgica, contaminação por dioxina foi encontrada em aves. Na Grã-Bretanha, houve a epidemia de BSE em vacas (e em alguns humanos) ligada à prática de alimentar vacas com grãos de proteína feitos a partir de restos de carne de frango, bem como surtos de intoxicação alimentar por *E. Coli* a partir de carne contaminada.

O impacto na saúde não se limita aos que comem carne.

21 Barthes, Roland. *Mythologies* (1972).

Mesmo o comitê assessor do governo britânico sobre a segurança microbiológica dos alimentos recentemente alertou para as "consequências calamitosas" do uso excessivo de antibióticos na agricultura (Guardian, 19.8.99). O uso de drogas para acelerar o crescimento e sua prescrição de rotina para rebanhos inteiros para prevenir doenças, está levando ao desenvolvimento de micro-organismos resistentes a antibióticos.

São estes problemas do capitalismo ou da produção de carne, por si só? É evidente que a sede de lucro é o fator mais importante, e que as práticas específicas poderiam ser reformadas, e na verdade estão sendo reformadas. Mas a produção de carne, em escala parecida com a atual, seria impossível sem a agricultura intensiva. Há um limite para o quanto seria possível higienizar um processo industrial que implica em abate, sangue e no consumo de carne.

Se comer carne responde a uma necessidade humana, esta é uma necessidade que muitas culturas humanas e um número crescente de indivíduos não sentem. É, sem

dúvida, uma necessidade para as grandes corporações de alimentos que dependem dele. No capitalismo moderno isto é uma necessidade, como o tabagismo, que tem de ser continuamente reforçada pelo marketing, independentemente de seu efeito sobre as pessoas, os animais e o meio ambiente.

1.11 A caça e poder de classe

Nos antigos estados escravocratas, caçar "tornou-se cada vez mais uma oportunidade para a elite dominante divulgar seu domínio sobre seres inferiores" (Serpell²²). Nos circos romanos, imperadores supervisionavam e participavam da matança em massa de animais silvestres capturados, incluindo leões, elefantes, ursos e crocodilos. Arqueiros pagos pelo privilégio de atirar em animais de assentos da primeira fila. Gladiadores matando uns aos outros, ou hereges sendo torturados, também faziam parte do entretenimento.

22 Serpell, James. In the Company of Animals: A Study of Human-Animal Relationships (1996).

A caça executou uma função semelhante como demonstração de poder da classe dominante na Grã-Bretanha moderna. Durante grande parte do século XVIII, a caça à raposa era "a busca casual de fidalgos rurais e agricultores". O desenvolvimento de caças regulares com seus próprios territórios, no final do século XVIII e inícios do século XIX, surgia conforme a caça à raposa tornava-se a caça de lazer preferida dos grandes proprietários de terras. Bem como um meio de socialização para os homens de classe alta, a caça à raposa "reafirmava sua proeminência na comunidade local" (Colley²³).

Curiosamente, tendo em vista a alegação do lobby da caça de defender o modo de vida rural, este processo viu a posterior subordinação do campo aos interesses dos ricos: "O próprio cenário da Grã-Bretanha era agora reorganizado e reimaginado de acordo com as prioridades do lazer dos homens da terra. Cercas foram derrubadas, valas preenchidas, portões e pontes construídas, a

23 Colley, Linda. *Britons: Forging the Nation 1707–1837* (1994).

privacidade dos inquilinos invadida, tudo em busca da infeliz e não comestível raposa" (Colley).

No século XX, a caça forneceu um meio para a integração social dos ricos não aristocratas em círculos ricos mais tradicionais, e permanece principalmente uma carreira dos ricos e poderosos da família real para baixo.

Apesar disso, a abolição da caça já não ameaçaria os interesses da classe dominante como um todo. O capital é cada vez mais impessoal e não é dependente do tipo de socialização oferecida pela caça para criar uma classe dominante coerente. Na verdade, mal é dependente de indivíduos ricos - as 200 famílias mais ricas poderiam ser eliminadas sem afetar a reprodução do capitalismo nem um pouco. Como uma demonstração de poder da classe dominante, a caça é uma pequena nota de rodapé em comparação com o espetáculo moderno da guerra televisionada e de alta tecnologia. Neste contexto, a caça pode agora ser tratada como uma questão moral e contestada até mesmo por setores da classe dominante.

No momento da escrita deste panfleto, a perspectiva da caça ser proibida no Reino Unido está se tornando mais provável.

Tais movimentos encontrarão resistência de secções de base rural da classe dominante e de seus apoiadores. O movimento para defender a caça demonstra muito claramente como o direito de matar raposas está atado a uma agenda mais ampla de defesa dos interesses dos latifundiários (oposição a divagar, etc.). Com a ameaça de desencadear uma reação pequeno-burguesa violenta, pequenos agricultores sob patrocínio aristocrático, o pró-caça *Countryside Alliance* se assemelha a um clássico movimento fascista em sua essência (embora com nenhuma chance de tomar o poder), especialmente porque seu populismo de direita assume a vida rural "O campo é visto como um lugar de todas as coisas tradicionalmente britânicas (...) branco, culto, patriótico, heterossexual, centrado na família, em que se come carne, conservador" (Animal Magazine).

1.12 Violência da classe trabalhadora contra os animais

Além do abuso corporativo de animais, há um campo mais difuso de crueldade, exploração e extermínio. Em parte, isso é impulsionado por imperativos econômicos - se a escolha é entre a pobreza extrema, por um lado, ou a caça furtiva de um elefante para vender suas presas, por outro lado, não é de surpreender que o bem-estar do animal é pequeno perto das prioridades de muitas pessoas. Mas há também o elemento dos impotentes extravasarem sua frustração sobre aqueles sobre os quais se tem poder - animais ou crianças. Marx observa que o escravo tratado como um animal de carga ou uma ferramenta "dá a ele a satisfação de saber que é diferente, tratando com brutalidade e prejudicando o outro" (Marx, 1867).

A internalização das relações de dominação parcialmente explica por que alguns homens da classe trabalhadora têm prazer em matar animais. Mesmo a caça à raposa, enquanto organizada por e para os ricos, conta com a

participação remunerada e não remunerada de terriermen²⁴ e um mix entre classes de seguidores da caça. Isso ficou evidente no comício a favor da caça no Hyde Park, em Londres (1997). A apresentação disto como uma espécie de revolta rural espontânea de classes disfarçou o que isto realmente demonstrava: as relações semifeudais de patronato que ainda existem na economia rural. No entanto, ainda que muitos tenham sido pagos ou pressionados a tomar parte, é inegável que, face a alguns dos mais baixos salários e mais longas horas de trabalho no país, uma seção da classe trabalhadora rural está disposta a se alinhar com os seus patrões para proteger a sua situação miserável. Estamos lembrados do insight de Louise Michel²⁵ que “quanto mais feroz um homem é para com os animais, mais este homem se encolhe diante das pessoas que o dominam”.

1.13 Além do humanismo

24 Terriermen são homens que, interessados na raça de cachorro Terrier, colocam-na em situações em que esta precisa testar sua força e coragem enfrentando animais selvagens, como coelhos, raposas e texugos.

25 Louise Michel (1830 - 1905) foi uma escritora blanquista francesa.

A dominação humana de animais tem sido justificada pelo cristianismo e pelo humanismo, ambos os quais colocavam o ser humano no centro da criação, o rei dos animais; na natureza, mas não parte dela. A fronteira entre seres humanos e animais era absoluta e rigidamente delimitada. Antes do advento de manter animais de estimação ser muito difundido, qualquer intimidade com os animais era suspeita: "em pelo menos metade dos casos de feitiçaria documentados que foram levados a julgamento na Inglaterra, o acusado foi implicado pelo fato de que ele ou ela possuía e exibia afeição por uma ou mais companhias animais" (Serpell).

A construção do "homem" nesta imagem envolveu a negação e repressão das necessidades e desejos humanos. Assim, categorias inteiras da vida humana, tais como o sexo, a dança e a nudez foram denunciadas pelos moralistas ao longo da história como "bestiais". As mulheres que "saíssem da linha" poderiam ser chamadas

de cães, cadelas, víboras, megeras ou de vacas (Arkangel²⁶).

O socialista italiano (e apologista da domesticação) Antonio Gramsci escreveu com aprovação que “a história do industrialismo sempre foi uma luta contínua contra o elemento de ‘animalidade’ no homem. Foi um processo ininterrupto, muitas vezes doloroso e sangrento de subjugar instintos naturais (animais e primitivos) para um novo, mais complexas e rígidas normas e hábitos de ordem, exatidão e precisão que podem tornar possíveis as cada vez mais complexas formas de vida coletiva que são a consequência necessária do desenvolvimento industrial” (Cadernos do Cárcere).

Em culturas menos penetradas pelos valores do capital, esta animalidade é algo para ser admirado em vez de degradado. Assim, um ancião do povo Dogon do Mali disse uma vez: “Os animais são superiores aos homens, porque eles pertencem ao mato e não têm que trabalhar.”

26 Arkangel Magazine. Feminists for Animal Rights (1999).

Muitos animais se alimentam do que o homem produz pelo trabalho doloroso” (Horniman²⁷).

Na verdade, a vida selvagem fornece uma crítica implícita da sociedade humana, como uma inspiração, e contrasta com a sociedade “domesticada”. Apesar das tentativas de retratar toda a vida social dos animais como reduzida a uma guerra permanente pela sobrevivência, qualquer pessoa com gatos ou cães sabe que grande parte de suas vidas são gastas a jogar e relaxar ao redor.

Como Fredy Perlman mostra, a atividade animal é o oposto do trabalho alienado, bem como a atividade humana nas sociedades primitivas comunistas: “Um engenheiro do tempo e movimento observando um urso perto de uma plantação de frutas não saberia quando pressionar o relógio (...) o urso não faz distinção entre trabalho e lazer. Se o engenheiro tem imaginação, ele poderia dizer que o urso experimenta a alegria do momento em que as frutas ficam vermelho-escuras e que

27 Horniman Museum. African Worlds Exhibition (1999).

nenhum dos movimentos do urso são trabalho”.

“Selvagem” continua a ser um insulto feito sobre os livres (ou aqueles que seriam livres), assim como os manifestantes continuam a ser denunciados como animais e trabalhadores militantes como *wildcat strikers*²⁸. Mas o outro lado disso é que a ideia de selvageria como libertação sempre terá um poder sobre a imaginação dos rebeldes e insurgentes (“levantar-se como leões depois de sono, em número invencível” - Shelley). Se, de acordo com Martin Luther em 1530 e o Papa Leão XIII em 1891, a posse da propriedade privada é uma diferença essencial entre o homem e os animais (Thomas), então nós deveríamos estar felizes ao livrarmo-nos de nossa “natureza humana”.

1.14 O capitalismo e os animais hoje

Em fases anteriores da sociedade de classes, os animais eram a principal forma de riqueza e, por vezes, de troca. O

28 Manifestações repentinas e não oficiais são conhecidas como *wildcat strikes*, fazendo referência a gatos selvagens.

subsequente desenvolvimento do capitalismo era dependente da acumulação primitiva e, em muitas partes do mundo, foram os ganhos da exploração econômica dos animais que forneceram o incentivo para remover as pessoas da terra. No capitalismo prematuro, os animais ainda forneciam os principais meios de transporte e eram absolutamente centrais para a economia.

Hoje o capital se diversificou e a indústria animal é uma entre muitas. Alguns argumentam que, sem dúvidas, o capital não tem um imperativo para explorar os animais, e que um capitalismo "livre de crueldade" consistente é uma possibilidade. De fato, esta opinião parece ser compartilhada tanto pelos defensores pró-capitalismo das forças de mercado libertadoras dos animais (por meio de boicotes dos consumidores), como por anarquistas e comunistas, para quem isto é "prova" de que a oposição à exploração animal não oferece nenhuma ameaça ao capitalismo. Claro que é possível imaginar um modelo teórico do capitalismo que não depende de animais, mas

isso é confundir uma abstração com o capitalismo realmente existente que surgiu como resultado de processos históricos reais. Da mesma forma, poderíamos imaginar um capitalismo sem racismo ou a opressão das mulheres, no entanto, esses dois desempenharam um papel crucial na manutenção da dominação do capital e continuam a existir apesar das superficiais mudanças contrárias.

Seria um erro pensar que a exploração dos animais é agora apenas uma preocupação marginal do capital. As empresas envolvidas no financiamento de experimentos com animais são algumas das maiores multinacionais do mundo. O agronegócio está se tornando cada vez mais capitalizado. No passado, o capital era em grande parte investido na fabricação e varejo de produtos feitos a partir de animais criados pelos agricultores relativamente independentes. Hoje, os agricultores estão saindo do negócio conforme empresas maiores assumem todas as fases da indústria animal. Por exemplo, uma empresa, a

Grampian Country Food Group fornece um terço dos frangos para comer do Reino Unido (200 milhões de dólares por ano). O envolvimento corporativo direto na agricultura é acelerado conforme o capital expande sua nova fronteira biotecnológica.

A indústria animal continua a dominar o uso da terra em muitas partes do mundo. Na Grã-Bretanha 80% das terras agrícolas é utilizado, direta ou indiretamente, para a produção de carne e produtos lácteos (Spencer). Em muitas partes do "Terceiro Mundo", a produção de alimentos é dominada pelo crescimento de cereais para vender para a alimentação animal no Ocidente, em vez de para atender às necessidades locais. Animais em fazendas industriais produzem enormes quantidades de resíduos, com frequentes incidentes de poluição da água e da terra.

Em termos marxistas, a produção de carne representa a destruição do valor de uso para aumentar o valor de troca. Alimentos que poderiam ser usados para alimentar as pessoas são, em vez disso, administrados aos animais a

fim de aumentar o lucro. A maior parte da energia e da nutrição que isso proporciona é (a partir de um ponto de vista econômico) desperdiçada em manter o gado vivo, em vez de diretamente transferido para músculos. Dez hectares de terra alimentam 61 pessoas em uma dieta de sementes de soja, 24 de trigo, 10, de milho, mas apenas 2 em carne de gado. O gado é, portanto, utilizado pelo capitalismo como uma forma de capital fixo, consumindo trabalho vivo e morto a fim de gerar um produto (carne) contendo o aumento do valor excedente.

O McDonalds tornou-se um totem da expansão capitalista, na vanguarda do desenvolvimento trabalhos casuais, de baixos salários, combinados com as mais espetaculares técnicas avançadas de marketing. Nenhuma parte do mundo está destinada a ser totalmente subordinada ao mercado global até um McDonalds abrir lá. O contínuo cerceamento do espaço, marcado pelo desmatamento e pela desapropriação, é tão dependente da indústria animal como os estágios iniciais da acumulação primitiva.

Florestas ainda estão sendo removidas para o pastio dos animais ou para o plantio de alimentação animal, e camponeses ainda estão sendo removidos da terra para abrir caminho ao agronegócio internacional. A dinâmica do capitalismo aponta para um maior controle sobre toda a vida, humana ou animal. Se as coisas se movem no sentido contrário, será apenas porque o capital tem sido forçado a tomar um rumo diferente ou abolido.

2. Comunismo

“O comunismo não é um programa que um coloca em prática ou faz outra pessoa o colocar, ele é um movimento social. O comunismo não é uma ideia a ser realizada: ele já existe, não como sociedade, mas como um esforço, como um dever. É o movimento que tentar abolir as condições de vida determinadas pela relação salário-trabalho e este movimento irá aboli-las com uma revolução” (Dauvé & Martin). Não se trata de um projeto acabado, já montado para o futuro; da mesma forma, ele não tem nada a ver com os regimes comunistas do passado, em que o capitalismo foi administrado pelo Estado. O comunismo é o movimento para a abolição dos Estados, classes, propriedade privada, dinheiro e hierarquias de poder, e é o movimento da criação coletiva de meios para satisfazer nossas necessidades e desejos.

“O comunismo é a continuação de necessidades reais que estão ativas agora, mas que não são satisfeitas e nem

podem ser, porque a situação atual as esquece. Hoje, há inúmeras atitudes que expressam não somente a recusa ao mundo presente, mas também um esforço em criar um novo mundo” (Dauvé and Martin). Nós acreditamos que muitas das atividades que são tomadas contra a exploração animal caem dentro destas categorias de atitudes contra o mundo presente e são, portanto, expressões do movimento comunista.

Radicais que desprezam a noção de libertação animal tem uma grande tradição para se basear. A economia-política marxista abraçou o projeto iluminista de dominação da natureza em sua totalidade, com o mundo natural sendo percebido como uma ilimitada fonte de matéria-prima para indústria em progresso. Tendo de enfrentar, por um lado, as consequências ecológicas desastrosas do desenvolvimento industrial, e por outro a luta de grupos ecológicos radicais, alguns comunistas começaram a criticar este modelo. Mas poucos deles estão preparados para estender essa crítica para a noção de que os seres

humanos são as únicas criaturas da Terra merecedoras de consideração. A eles, nós dissemos: inimigos da civilização e do progresso, um passo à frente!

2.1 A história secreta da libertação animal

Nós temos nossa própria tradição escondida para nos inspirar. Talvez não seja possível que nos viremos aos “pais fundadores do comunismo” para legitimar nossa prática, no entanto, ao longo dos séculos sempre houve diversos rebeldes e revolucionários que lutaram pela libertação humana e ao mesmo tempo denunciaram os abusos aos animais.

Assim como Colin Spencer demonstra em seu livro *The Heretic's Feast: A history of vegetarianism*, argumentos contra a alimentação baseada na morte de animais existem há tanto tempo quanto os registros escritos e documentos. Enquanto muitos evitam a carne por motivos de saúde, ou como parte de uma dieta ascética de autonegação e sacrifício, é a preocupação sobre os

animais que tem sido o fator-X em casos parecidos, como na Grécia Antiga, a religião do Orfismo considerava a o sacrifício e a alimentação com base em animais como similares ao assassinio. Visão parecida era tomada por Pitágoras e seus seguidores. Muitos argumentos utilizados hoje contra e a favor da alimentação com carne têm sido ensaiados por centenas de anos. Por exemplo, o escritor grego Plutarco (AD 46 – 120) escreveu que “nós podemos afirmar que não temos nenhum direito sobre os animais terrestres que são alimentados com a mesma comida que nós, inspiram o mesmo ar que nós, se lavam e bebem a mesma água que nós; e quando são mortos, eles nós fazem sentir vergonha”. Ele pediu aos carnívoros, para comerem a carne crua, ao invés de tentar “disfarçar o animal morto com o uso de milhares de ervas finas e temperos”.

Assim como atualmente, o vegetarianismo não era somente uma escolha de dieta, mas sempre teve implicações maiores sobre o sentido do poder

social/simbólico associado com o consumo de carne: “mudar a dieta de alguém é colocar em cheque a relação entre os deuses, homens e animais, sobre a qual todo um sistema político-religioso está fundamentado... Não comer carne em uma cidade-Estado da Grécia era um ato altamente subversivo” (Detienne²⁹).

Em algumas partes do mundo, comunidades inteiras foram primariamente vegetarianas. Isso pode ser associado às ideias budistas ou hindus. Mas também pode ser o caso de que as ideias religiosas simplesmente refletiram as práticas sociais. A revolta antibritânica indiana de 1857 foi deflagrada pela ignorância britânica em relação a importância do vegetarianismo. A causa imediata da revolta foi a recusa das tropas indianas em usar em seus rifles cartuchos com banha animal (e o fato de banha de porco ser utilizada para isso também ofendeu as tropas muçulmanas).

O vegetarianismo tem sido frequentemente associado

29 Sem informações sobre o autor.

com heresias religiosas, agora tomando como foco a perseguição de vegetarianos. Hereges do Cathar anteriores ao Imperador Henry III em 1052 foram acusados de terem “condenado todo tipo de alimentação com carne animal, e com o acordo de todos os presentes ele ordenou que fossem enforcados” (citado em Spencer). Na China, em 1141, um édito declarava: “Todos os vegetarianos são adoradores do demônio... Devem ser estrangulados”.

Foi entre essas situações que ideias comunistas radicais frequentemente surgiram, circulando entre os pobres de provendo inspiração para revoltas “milenares”. Neste contexto, evitar a carne tem uma dimensão de classe: “outra coisa sobre não comer carne que deu a este ato um poder social representado como mensagem espiritual, uma mensagem não só de propaganda no Catar, mas também utilizada contra a ortodoxia católica do período, que dizia que a carne era a comida dos caçadores, dos dominadores, das pessoas que andam a cavalo. As pessoas

que eram exploradas pelos donos de terra tinham uma vida quase que inteira sem o consumo de carne” (Moore).

Durante e depois da Guerra Civil Inglesa, o vegetarianismo foi advogado por alguns Ranters³⁰ como John Robins³¹; por um pedreiro de Hackney³² chamado Marshallque, o qual argumentou que era “um crime matar qualquer criatura que tenha vida”, e por Thomas Tyron³³, que condenava quem “matasse ou oprimisse suas criaturas companheiras” da mesma maneira que condenava a escravidão, a guerra ou o tratamento dado aos considerados loucos (Thomas).

Preocupados com o tratamento dos animais, em alguns casos o vegetarianismo foi encontrado entre os radicais do século XVIII como William Blake³⁴ que escreveu: “A cada choro da criatura caçada/Uma fibra do cérebro deve

30 Grupo de dissidentes do período da “comunidade inglesa”, de 1649 até 1660.

31 John Robins (1650 - 1652) foi um dissidente inglês, preso por suas profecias.

32 Distrito da Grande Londres.

33 Thomas Tyron (1926 - 1991), escrito estadunidense.

34 William Blake (1757 - 1827). Poeta, pintor e tipógrafo inglês.

lamentar"; o ateu Joseph Ritson³⁵ e John Oswald³⁶, jacobino e autor do livro *Cry of Nature*. Pouco depois, no século seguinte, o poeta Shelley³⁷ defendeu o vegetarianismo, por último em seu trabalho *Queen Mab*, obra em que também denuncia a guerra e a autoridade dos reis e do mercado.

Mais tarde, no século XIX, a anarquista e participante da Comuna de Paris Louise Michel declarou que "a origem de sua revolta contra o poder era o horror infligido aos animais". Elisée Reclus³⁸, *comunard* e amigo de Louise Michel, foi um geógrafo vegetariano que se opunha à morte de animais para a alimentação.

Em alguns momentos, a luta contra o abuso animal foi tomada por seções maiores da classe trabalhadora. Em

35 Joseph Ritson (1752 - 1803). Escritor inglês e antiquário. Amigo de Sir Walter Scott.

36 John Oswald (1730 - 1793) foi um filósofo jacobino escocês.

37 Percy Bysshe Shelley (1792 - 1822), foi um dos mais importantes poetas românticos ingleses.

38 Jacques Élisée Reclus (1830 - 1905) foi um geógrafo e anarquista francês.

Battlesea, no sul de Londres, houve motins da classe trabalhadora em 1906 com moradores locais defendendo o "Brown Dog", estátua antivivisseção, do ataque de médicos e estudantes de medicina.

2.2 O moderno movimento de libertação animal

O moderno movimento de libertação animal inclui uma gama diversa de grupos e indivíduos que se opõe a práticas como a caça, a vivisseção e a morte de animais para a alimentação. Dado aquilo que já discutimos sobre a centralidade animal dentro do capitalismo, um movimento que questiona o status dos animais dificilmente ajudaria, mas impactaria de maneira negativa a sobrevivência do capitalismo.

Contudo, não estamos dizendo que este movimento é um todo que age revolucionariamente contra o capital. Assim como todos os movimentos sociais, o movimento de libertação animal contém tendências contraditórias – de um lado uma posição socialmente conservadora, acrítica

em relação ao capitalismo, parlamentar, com campanhas hierárquicas e com pautas únicas; já no outro lado, uma visão não hierárquica e baseada na ação direta coloca o problema particular (das formas de exploração animal) em um contexto maior de transformação social radical. Entre esses polos existem várias combinações (como tomadas de posição conservadoras em movimentos particularistas, mas de ação direta). Essas contradições atravessam organizações e até mesmo indivíduos.

Apesar das críticas que podem ser feitas às práticas e à ideologia da libertação animal (algumas nós veremos um pouco à frente), algumas ações e atitudes de libertação animal, com certeza, são expressões do movimento comunista.

Um claro exemplo é a prática de libertar animais de fazendas, matadouros e laboratórios, como nas ações pioneiras do Animal Libertal Front na década de 70. Salvando esses animais do sofrimento e da morte prematura, eles diretamente confrontaram o capital,

abolindo o status desses animais como produtos, mercadorias ou matéria-prima, os recolocando na posição de seres vivos, fora do sistema de produção e troca.

Comunistas têm criticado o progresso e desenvolvimento capitalistas incluindo a ideia de que ciência e tecnologia são neutras e irão nos levar para uma época livre de sofrimento. Ativistas em prol da causa animal colocaram esta crítica na prática, por exemplo, destruindo pesquisas e laboratórios científicos.

As ideias da libertação animal enriquecem a teoria comunista ao colocar a questão chave da relação entre humanos e a natureza. Marx reconhece que o comunismo envolve a “resolução genuína do conflito entre o homem e a natureza e entre eles próprios” (Marx, 1844³⁹), mas esta visão do comunismo como uma vida que você poderia “caçar pela manhã, criar gado pela tarde” sugere que ele não pensou seriamente em o que a natureza poderia de fato ser.

39 Marx, Karl. Economic and Philosophic Manuscripts.

Assim como Camatte argumenta, “o movimento proletário infelizmente ainda retém algumas pressuposições do capital, em particular [...] a visão do progresso; a exaltação da ciência; a necessidade de distinguir o humano dos outros animais, com os últimos sendo considerados sempre inferiores aos primeiros; a ideia da exploração da natureza. Tudo isso indica que as demandas por uma comunidade humana foi criada sob os limites do capital”. Aparentemente, movimentos de pauta única focando, por exemplo, na libertação animal, são necessários para corrigir “as deficiências do movimento revolucionário clássico... que se infestou de noções sobre poder e dominação”

As perspectivas da libertação animal nos possibilitam ver que a reconciliação de seres humanos e natureza não é só um desejo fútil, já que medidas concretas devem ser tomadas para mudar a maneira como nos relacionamos com outros animais, como também para dismantelar a tecnologia das fazendas e fábricas de exploração animal.

Elas também estendem a noção de comunidade para além dos humanos, englobando outras espécies de animais – o fato de que animais não podem participar de uma comunidade como sujeitos ativos não significa que eles precisem ser considerados como meros objetos para o uso humano. Como Elisée Reclus argumentou, “quando nossa civilização, ferozmente individualista como é, e dividindo o mundo em vários pequenos estados hostis, assim como há propriedades separadas e diferentes famílias – quando sua falência é declarada [...] nós lembramos de todas essas espécies que foram deixadas para trás em nosso progresso, e devemos nos esforçar para fazer deles, não servos ou máquinas, mas companhias prazerosas”.

Alguns anarquistas e comunistas dizem que a libertação animal é uma causa irrelevante porque animais não podem lutar por eles mesmos. “Animais não podem tomar partido em uma assembleia de classe” (Aufheben, 1995⁴⁰). Ainda assim, nenhuma posição tomada por uma classe

40 Aufheben Magazine, Kill or Chill: analysis of the opposition to the Criminal Justice Bill.

que não entenda a relação entre humanos e outras formas de vida estará fora do terreno do capital. Desta forma, nós queremos dizer que a classe trabalhadora deve se recuperar de sua fragmentação e se impor para conseguir ir além de conquistas dentro do capital: mas em questionar a relação entre esta máquina econômica e a vida no planeta, vida esta animal, vegetal e humana.

2.3 Tudo que anda sobre a Terra é governado por diferentes causas

Isso nos leva ao principal argumento comunista contra a libertação animal, de que aqueles que estão envolvidos nessa luta estão “projetando os horrores do capitalismo para longe deles” muito mais do que “lutando por si mesmos”. Algumas vezes isso é relacionado com a noção situacionista de subjetividade radical, em que a revolução é vista como a expressão dos desejos e necessidades individuais.

Esta forma de ver o mundo ignora o fato de que pessoas são animais sociais e não podem viver de forma

independente. As pessoas existem por meio de interações sociais, com outras pessoas, animais e todo o ambiente que as circula. O impulso comunista não é uma mera forma de interesse próprio e iluminado, mas é uma expressão de nossa maneira comunal de ser. De qualquer forma, viver num mundo em que a alienação entre humanos e a natureza é superada sempre foi parte do projeto comunista e isso é tão importante quando uma necessidade mais óbvia, como a comida ou a moradia.

Nós não vemos aqueles que expressam estas necessidades como sendo alienados de suas reais necessidades. Ao contrário, o fato de que a massa se organizou para impedir a exportação de animais no meio da década de 90 coloca isso em jogo: o fato de que pessoas foram confrontar o Estado devido ao sofrimento animal nos dá esperança de que nem toda a população está alheia a esta questão.

A base para as preocupações da classe trabalhadora com os animais não é só um sentimentalismo barato (embora

pensemos que o sentimento é uma resposta tão legítima quanto a racionalidade científica), mas a empatia emerge como uma condição compartilhada entre as bestas de carga: "Tudo que anda sobre a terra é governado por suas diversas causas" (Os Cangaceiros⁴¹). Assim como já argumentamos, as técnicas de dominação entre humanos e animais são relacionadas historicamente. Por exemplo, animais são usados em experimentos justamente porque são parecidos com humanos de alguma forma. Se alguém sente repulsa em ver um experimento em que um gato ou um macaco tem eletrodos plugados em sua cabeça, isto é fruto de um "instinto" de sobrevivência válido. Animais só são torturados nestes experimentos porque o capital quer fazer a mesma coisa com humanos.

Se essa empatia foi largamente esquecida da teoria revolucionária, ela foi, no entanto, expressa em situações revolucionárias. Durante a ocupação Diggers, em St

41 Por falta de informações no original, não sabemos ao certo se esta referência é sobre o livro de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

George's Hill, em 1649, Gerrard Winstanley⁴² escreveu que as pessoas com “coração bondoso” se entristeciam ao ver as vacas serem chicoteadas pelos oficiais de justiça – depois de tudo, eles não foram submetidos à mesma violência? Na Comuna de Paris, em 1817, Louise Michel encontrou tempo entre a troca de tiros com policiais e a segurança das barricadas para salvar um gato indefeso, argumentando em suas memórias que “tudo se encaixa perfeitamente, do pássaro que teve sua ninhada destruída ao humano que teve sua moradia destruída pela guerra” (Lowry and Gunter⁴³). Na prisão, em 1917, Rosa Luxemburgo expressou sua empatia por um búfalo que ela viu ser maltratado de sua cela: “O sofrimento de um amado irmão não poderia me atingir mais do que isso... Pobre animal, eu sou tão impotente quanto você. Eu estou com você em minha dor, minha fraqueza e minha ânsia” (Letter to Sonja Liebknight, Dec.1917).

42 Gerrard Winstanley foi um reformador, filósofo anarquista, religioso protestante inglês e um ativista político durante o protetorado de Oliver Cromwell.

43 Bullitt Lowry, Elizabeth Gunter. Red Virgin: Memoirs Of Louise Michel (1981).

“Compaixão” não é uma palavra encontrada frequentemente no discurso revolucionário, mas, assim como a *Communist Headache* argumentou em relação aos animais: “parte da luta de classes é a luta contra a dominação. A isto se inclui entender como nós somos dominados e entender como nós somos ensinados a fetichizar a dominação e dominar outros com a nossa classe. A dominação pode ser contra atacada com compaixão, contudo esta compaixão precisa ser reencontrada como parte da luta de classes em que as pessoas caminham juntas para uma comunidade humana”.

2.4 Confrontando o Estado

Em termos práticos, as ações contra o abuso animal envolvem o confronto de pessoas contra o Estado (a polícia, os tribunais, a lei e etc) e desenvolvem estratégias para isso. A sabotagem às caças envolve o uso elaborado de veículos, meios de comunicação, mapas e outras ferramentas para frustrar os esforços da polícia e dos apoiadores da caça, que tentam sempre os impedir. Isso

inclui um constante desafio às leis as transgredindo e uma recusa geral em reconhecer que o campo pertence a um punhado de pessoas ricas que acham que podem fazer o que querem com os animais (e com as pessoas) que lá vivem.

A sabotagem às caças é uma das poucas formas de atividades relacionadas com animais a ganhar respeito por comunistas tradicionais. Às vezes isso pode envolver uma confrontação imediata com membros das classes dominantes. Muitos sabotadores desprezam caçadores pelo que eles fazem com raposas e por serem ricos, apesar de que quem pensa que vai a uma sabotagem ver uma revolta camponesa acaba ficando desapontado pelas horas fazendo vigília atrás de vans ou pelo meio dos arbustos.

Enquanto a oposição às caçadas pode não ser em si uma marca de atitude subversiva, o ato de realizar a sabotagem diretamente é uma outra questão. Os membros do *New Labour* que são opositores às caçadas ainda apoiam o uso

da legislação contra os sabotadores, porque eles reconhecem o perigo de deixar que a própria classe trabalhadora resolva seus problemas sem a mediação da lei.

Outras lutas também envolveram o confronto da massa contra o Estado. O movimento contra a exportação animal (1994/95) em Shoreham, Kent e Brightlingsea, Essex, pôde observar milhares de moradores locais bloqueando as ruas e enfrentando a polícia por vários meses. O bem sucedido movimento para fechar a fazenda de Hillgrove em Oxfordshire, um criadouro de gatos para vivissecção, tem como ação o vandalismo, recorrente em todas as frequentes demonstrações que o local abria para o público, levando ao seu fechamento em 1999. Em todos esses casos, milhares de policiais foram enfrentados. Em Hillgrove, a polícia usou o a seção 60, ato de justiça criminal, para procurar qualquer pessoa num raio de 5 milhas da fazenda em que estavam e que aparecesse em seu caminho para protestar (Animal Magazine). Seja quais

forem as limitações destes movimentos, eles colocaram questões fundamentais sobre o papel do Estado e a natureza dos processos industriais.

Muitas pessoas que estão envolvidas na luta animal também o estão em outras lutas. Desta forma, a gama de habilidades práticas desenvolvidas na luta pela libertação animal circulou para outras lutas, tornando-se ferramentas que podem ser aplicadas em diferentes situações. Isso vai desde imprimir um folheto ou transportar pessoas por vans sem ser percebido, até as formas clandestinas de organização e solidariedade entre prisioneiros.

2.5 Para além da ideologia dos direitos animais

Lutas contra a exploração animal são, em muitos casos, uma expressão do movimento comunista, um movimento social real suprimindo condições existentes. Enquanto se direciona para uma única causa, a libertação animal coloca questões fundamentais sobre as relações entre humanos e o mundo. Este pode ser o ponto inicial para um

questionamento sobre o jeito que vivemos nossas vidas; por outro lado, os “direitos animais” podem ser uma ideologia que limita as possibilidades de crítica abrangente da sociedade. Nós precisamos ir além desta ideologia sem abandonar o que é subversivo naquilo que ela representa.

“A produção espetacular é obviamente aguda para conseguir fazer com que a parte indigesta da produção permaneça escondida”. Aqueles que se aventuraram a olhar atrás do véu protegido da produção podem ficar tão assustados com o horror ali visto que todo o restante parece irrelevante. É assim que o conflito entre animais e humanos pode ser considerado acima de qualquer outra contradição social, até mesmo a contradição de classe, e alguns indivíduos podem até mesmo desenvolver uma forma de misantropia em que todos os humanos são visto como “intrinsecamente” maus, com exceção dos poucos que se abstiveram completamente da produção animal.

Abstenção total desta produção é mais ou menos

impossível, e condenar os outros por não irem longe o bastante na libertação animal só limita mais ainda o escopo de um movimento como o animalista, que só tem a crescer. Todavia, o vegetarianismo e o veganismo não são só maneiras de “lavar as mãos”. “A questão acerca de uma relação respeitosa e amorosa com outros animais envolve juntamente a abdicação de toda a nutrição pautada nela, não somente na manipulação genética dos animais, mas também de todo o tratamento cruel que recebem dentro dos laboratórios” (Dalla Costa⁴⁴). Não comer animais traz ganhos qualitativos em suas vidas (assim como uma redução quantitativa na morte de animais), mas se for isolado, pode ser mercantilizado e transformado em um estilo de vida para um nicho de mercado.

Do ponto de vista dos animais, um capitalismo vegetariano seria um passo a frente, mas por razões já ditas, é extremamente improvável que isso aconteça, dado

44 Dalla Costa, M. *The Native in Us, The Earth We Belong To In Common Sense* nº23 (1998).

os interesses da indústria animal e o hábito cotidiano das pessoas sob seu sistema. Além disso, um capitalismo vegetariano ainda seria dependente da exploração de animais humanos e subordinaria todas as formas de vida aos interesses econômicos, assim nós devemos dizer não ao McDonalds ou ao Sir McCartney e sim ao comunismo internacional!

Uma ênfase exagerada no boicote de produtos de companhias particulares é baseado em um mau entendimento da natureza do capitalismo. O capitalismo é mais do que os esforços combinados de "más" corporações multinacionais. Ele é feito de relações sociais mediadas pela propriedade e pelo dinheiro. Enquanto essas coisas existirem o capitalismo irá se reproduzir, não importando a parcela de culpa de qualquer companhia particular. De qualquer forma, não podemos separar as ações de uma empresa da economia como um todo. O capital flui livremente onde possa haver lucro para ser extraído, com os mesmos indivíduos ou instituições

investindo felizmente tanto em “más empresas” como em “empresas livres de crueldade”.

A falta de entendimento sobre a dinâmica do capitalismo pode levar ao ataque de trabalhadores com subempregos em empresas que exploram animais, como se eles fossem tão responsáveis como os gerentes ou os patrões. É lúdico como os funcionários do McDonalds são chamados de canalhas quando a sua exploração é central para os lucros da empresa tanto quanto as vacas mortas na chapa.

Nós todos podemos reconhecer estas práticas, e isso embaça a visão de anarquistas e comunistas que acham que a libertação animal se resume a este tipo de reacionarismo. Não é este o caso. Notadamente, o movimento que está contra o McDonalds citado é também o movimento que está globalmente organizado para reivindicar melhores condições de trabalho, contestar a espetacularização da mercadoria, os problemas ecológicos e a própria exploração animal, e ainda é administrado de maneira que pessoas que comem carne

também possam entrar.

2.6 Qual o problema com direitos animais?

Nós somos críticos da noção de “direitos animais” pela mesma razão que somos críticos da noção de direitos humanos. A ideologia dos direitos humanos nasce nos séculos XVII e XVIII, em especial na Revolução Francesa. Esta ideologia faz parte do capitalismo como um complemento moral e político. No mercado capitalista, as commodities são vendidas como iguais por um valor em dinheiro que as diferencia, sejam elas pacotes de açúcar ou semanas de trabalho. Na esfera política, as pessoas são consideradas iguais porque todas detêm os mesmos direitos. Por trás desta faceta de direitos iguais, a ditadura do capital se mantém, assim como por trás da igualdade perante o mercado, a dominação sobre o trabalhador é mantida.

A noção de que todos nós temos direitos não considera as desigualdades. Assim como Anatole France uma vez disse,

o rico e o pobre têm o mesmo direito de dormir nas ruas. Todos nós temos o direito de comprar um palácio, mas não temos todos os meios para isso. Como um conceito legal, a noção de direitos humanos (e animais) envolve a defesa do Estado e seu reforço, o que significa a preservação da alienação de indivíduos sobre eles mesmos e ainda por cima a alienação entre humanos e a natureza, incluindo outros animais.

O caráter burguês dos direitos tem se tornado cada vez mais aparente com o foco em "direitos e deveres". Em outras palavras, os direitos são condicionalmente garantidos para aqueles que jogam o jogo promovido pelo Estado e eles podem facilmente ser retirados de seus possuidores. Os direitos são uma forma de reconhecimento limitado por aqueles que são poderosos sobre aqueles que têm menos poder. Desta forma, os "direitos animais" são uma maneira de realizar a separação entre pessoas e animais, e a superioridade definitiva das pessoas. O fim do abuso animal requer a destruição da

capitalista e dita civilizada relação entre humanos e o mundo animal. Isso não pode ser substituído por uma igualdade abstrata (conceito capitalista, como o da igualdade de direitos dentro do mercado de trocas de bens diferentes), mas só com a diferença sendo reconhecida como parte da realidade social.

Há uma necessidade de ir além dos direitos animais para conseguir lutar com mais eficiência. As pessoas precisam entender por que e como a exploração animal acontece. E isso não significa que achamos que tudo isso deve ser postergado para “depois da revolução”, mas porque a emancipação real de animais e humanos precisa de uma transformação social fundamental em direção ao comunismo.

2.7 Animais na sociedade comunista

Apesar de nós podermos tomar como atitudes “comunistas” algumas ações de libertação animal, a oposição ao abuso animal não se encaixa sempre com

outros aspectos do comunismo. A libertação animal “não coloca o que parece ser errado no capitalismo, de forma que revolucionários possam encaixá-lo em seu modelo geral para luta de classes. Ela pede uma percepção maior do processo revolucionário e da direção revolucionária” (Communist Headache).

Desacordos podem continuar surgindo mesmo na sociedade que surge com o desenvolvimento do movimento comunista e com a abolição do capitalismo ao redor do mundo. O comunismo não é a aplicação de um código moral universal, ou a criação de uma sociedade uniforme, e também não terá um Estado ou mecanismo parecido para impor o veganismo, mesmo se a maioria assim o desejar. A questão de como viver com outros animais pode ser resolvida de diferentes formas em diferentes lugares e épocas. A libertação animal forma um polo desta discussão.

Outros podem tomar posições diferentes, argumento talvez pela manutenção de fazendas “éticas”, a não

intensiva domesticação dos golfinhos (mesmo que isso ainda possa trazer práticas cruéis sobre estes animais, como a castração e a separação das mães de suas famílias).

Nós podemos dizer com confiança que o *status quo* dos animais seria insustentável e que haveria uma transformação radical na relação entre humanos e outras espécies.

Com a abolição do capitalismo, os interesses da indústria animal não mais existiriam; não haveria nenhuma propaganda para o consumo de carne. As origens dos produtos animais não seriam nunca mais desconsideradas; o processo de produção seria transparente. Pessoas tomariam a decisão de consumir ou não produtos animais com claro entendimento dos impactos sociais e na saúde, além do impacto nos próprios animais. Tudo isso não aconteceria no lado das embalagens, como é hoje. Isto tomaria lugar em um contexto de mudança radical envolvendo o questionamento de muitas coisas

consideradas normais no cotidiano. Nós também podemos esperar o fim da violência sistêmica nas relações humanas e acreditar em uma sociedade com mais compaixão.

O humanismo antropocêntrico tem sido degradante para humanos e para animais, “o brutal confinamento de animais em última instância serve para separar homens e mulheres de suas potencialidades” (Surrealist Group, cited in Law). O que Camatte chama de “dimensão biológica da revolução” redescobrirá estes aspectos da humanidade, que alguns chamam de bestiais e que foram subdesenvolvidos pelo capitalismo, como o ritmo, a imaginação e a selvageria.

Uma consequência disso é que humanos não se verão sempre acima dos outros animais: o comunismo (...) não é a dominação total da natureza, mas sim uma reconciliação com ela, e assim sua regeneração: seres humanos que não mais lidam com a natureza simplesmente como um objeto de seu desenvolvimento, como algo “útil”, mas como

sujeito (...) não separado deles, justamente porque eles são natureza" (Camatte).



<https://colunastortas.wordpress.com/>